

Women Writing Culture (obra)

Escrito por: Ana Clara Klink de Melo.

Publicado em: 12/07/2022

Women writing culture (1995) é uma coletânea organizada pelas antropólogas feministas norte-americanas Ruth Behar (1956-) e Deborah A. Gordon, composta por dezessete ensaios dedicados a revisar o cânone antropológico e a trazer a contribuição de mulheres à Antropologia para o centro do debate. A obra é resultado de uma conferência organizada por Behar em 1991 na Universidade de Michigan, intitulada *Women writing culture: Anthropology and its other voices*, além de tributária do artigo “Women writing culture: another telling of the story of American Anthropology”, publicado pela autora em 1993. A coletânea volta-se para duas crises: a chamada “crise da representação”, que teve origem na crítica pós-moderna à tradição colonialista e às estruturas de poder subjacentes às formas de produção de conhecimento da Antropologia, em meados dos anos 1970; e uma crise interna ao [pensamento feminista](#), que via, por volta dos anos 1980, seu caráter também colonialista e universalista criticado por perspectivas não brancas e não ocidentais. Reunindo um conjunto expressivo de antropólogas, como Barbara Tedlock (1942-), [Lila Abu-Lughod \(1952-\)](#), [Anna Tsing \(1952-\)](#), entre outras, o conjunto tem o mérito de enfrentar dilemas relacionados à escrita etnográfica de uma perspectiva feminista, colocando questões ainda hoje atuais para se pensar relações entre a representação e a escrita de mulheres antropólogas.

O livro é uma reação direta à antologia *Writing culture: the poetics and politics of ethnography* (1986), organizada pelos antropólogos norte-americanos James Clifford (1945-) e George Marcus (1941-). Marco da crítica pós-moderna à Antropologia, a publicação discute os efeitos do poder no texto etnográfico e na prática do trabalho de campo, encorajando formas de escrita experimentais, dialógicas e reflexivas. Contudo, sob a justificativa de Clifford, na introdução ao volume, de que até então “o feminismo não havia contribuído muito para a análise

teórica das etnografias como textos”, o trabalho de mulheres antropólogas foi excluído da coletânea. Clifford afirmava que, apesar de algumas obras refletirem, em sua forma, perspectivas feministas sobre subjetividade e relacionalidade, elas não se propunham a fazer uma discussão inovadora sobre textos e retóricas – afirmação que reiterava certa hierarquização e divisão do trabalho antropológico da época, em que mulheres eram vistas como portadoras de maior sensibilidade, e homens de maior rigor teórico.

À época aluna de Clifford, Gordon ofereceu uma resposta pioneira aos autores no artigo “Writing culture, writing feminism” (1988), em que criticava o fato de que práticas etnográficas ditas “experimentais”, ao mesmo tempo em que se diziam decoloniais, fundavam-se em uma autoridade marcadamente masculina e relegavam o feminismo a uma posição de inferioridade. Por isso Behar, que afirma na introdução a *Women writing culture* ter o projeto nascido com o objetivo de responder a Clifford e Marcus, convidou Gordon para coeditar o volume. Os ensaios, contudo, foram além da proposta de reação aos autores, empenhando-se em refletir sobre o colonialismo interno ao pensamento feminista a partir da interlocução com a obra *This bridge called my back: writings by radical women of color* (1981), publicado pelas escritoras feministas norte-americanas de origem mexicana Cherríe Moraga (1952-) e Gloria Anzaldúa (1942-2004). O livro reunia cartas, ensaios, poemas e artigos de mulheres não brancas, não ocidentais e não heterossexuais, dando ênfase à pluralidade de vozes do pensamento feminista e conferindo ao volume *Women writing culture* uma forte preocupação com a valorização dessas vozes e com a experimentação de diferentes formas de expressão textual.

A coletânea está organizada em quatro partes, cada uma delas destinada a abordar aspectos das questões colocadas pelas crises da representação e do pensamento feminista. A primeira parte do livro, “Além do nós e do outro”, traz um conto, uma peça e excertos de diários pessoais para enfatizar as possibilidades da experimentação textual de antropólogas diante dos dilemas da representação. A segunda, “Outra história, outro cânone”, faz uma releitura do passado da Antropologia ao recuperar o legado de mulheres como [Margaret Mead \(1901-1978\)](#),

Barbara Myerhoff (1953-1985), Elsie Parsons (1875-1941), Ruth Benedict (1887-1948) e Zora Hurston (1891-1960). Na terceira, “A Antropologia tem um sexo?”, os ensaios discutem como a contribuição de mulheres à disciplina foi negligenciada nos processos de produção e reprodução do seu cânone. A quarta e última seção, “Feministas viajantes”, reúne trabalhos de mulheres não brancas, não ocidentais e não heterossexuais, enfatizando a importância de dar destaque à multiplicidade de expressões do pensamento feminista. O livro termina com um texto de Gordon, que discute como, diante de um cânone antropológico masculino, certa produção feminista viu-se receosa em arriscar inovações, guiando seu trabalho pela busca de objetividade e desejo de legitimação. Apesar disso, continua, feministas têm se dedicado a criar uma forma de etnografia que não é nem convencional, nem experimental, mas particularmente feminista, caracterizada por práticas etnográficas colaborativas, democráticas e sensíveis a marcadores de gênero e raça, e ainda capazes de alcançar um público mais amplo, alinhando-se, quando necessário, a uma agenda compartilhada de reivindicações políticas.

A obra segue atual ao colocar em questão a tradição da disciplina, cujo modelo masculino vem sendo assegurado através das gerações, por meio de seu ensino, teoria e prática. Por isso mesmo ela vem influenciando o trabalho de antropólogas e estudiosas fora e dentro do Brasil, como Marilyn Strathern (1941-), Lila Abu-Lughod (1952-), Gayatri Spivak (1942-), Henrietta Moore (1957-), Mariza Corrêa (1945-2016), Cecilia Sardenberg (1948-), Maria Luiza Heilborn (1954-), Maria Filomena Gregori, Alinne Bonetti, entre tantas outras; todas preocupadas em pensar o lugar de mulheres na teoria e prática antropológicas, as possíveis relações entre feminismo e etnografia, bem como as possibilidades de construção de uma “Antropologia feminista”, hoje em consolidação no Brasil.

COMO CITAR ESTE VERBETE

MELO, Ana Clara Klink de. 2022. "Women writing culture". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/women-writing-culture>

MELO, Ana Clara Klink de. 2022. "Women writing culture". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/women-writing-culture>. ISSN: 2676-038X.

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

antropologia norte-americana; colonialismo; estudos pós-coloniais; feminismo; gênero; interseccionalidade; representação

BIBLIOGRAFIA

ABU-LUGHOD, Lila, "Writing against culture" In: Robin Fox (ed.). *Recapturing Anthropology*, Santa Fe, School of American Research, 1991

ABU-LUGHOD, Lila, *Writing women's worlds: bedouin stories*, Los Angeles, University of California Press, 1993

BEHAR, Ruth, "Women writing culture: another telling of the story of American anthropology", *Critique of Anthropology*, vol. 13, n. 4, 1993, p. 307-325

BEHAR, Ruth & GORDON, Deborah (eds), *Women writing culture*, Berkeley, University of California Press, 1995

BONETTI, Alinne, "Antropologia feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção", *Cuadernos de Antropología Social*, n. 36, dez, 2012, p. 51-67

BONETTI, Alinne de Lima. "Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada? In: BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya (orgs), *Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas*, Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria, 2007

MELO, Ana Clara Klink de. 2022. "Women writing culture". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/women-writing-culture>. ISSN: 2676-038X.

CORRÊA, Mariza, “O espartilho de minha avó: linhagens femininas na Antropologia”, *Horizontes Antropológicos*, ano 3, n. 7, Porto Alegre, nov. 1997, p. 70-96

GOLDE, Peggy (ed.), *Women in the field: anthropological experiences*, Berkeley, University of California Press, 1970

GORDON, Deborah, “Writing culture, writing feminism: the poetics and politics of experimental ethnography”, *Inscriptions - Edição especial de "Feminism and Critique of Colonial Discourse"*, v. 3, n. 4, Santa Cruz, 1988, p. 6-24

HAYS, Sharon, “Review – Women writing culture, edited by Ruth Behar and Deborah A. Gordon”, *Contemporary Sociology*, Vol., 26, n. 1, Los Angeles, 1997, p. 116-117

MAIZZA, Fabiana, “De Mulheres e outras ficções: contrapontos em Antropologia e feminismo”, *Ilha*, v. 19, n. 1, Florianópolis, jun. 2017, p. 103-135

MARCUS, George & CLIFFORD, James (eds), *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*, Los Angeles, University of California Press, 1986

MOORE, Henrietta, *Feminism and Anthropology*, Cambridge, Polity Press, 1988

MORAGA, Cherrie & ANZALDUA, Gloria (eds). *This bridge called my back: writing by radical women of color* (1981), Watertown, Massachusetts, Persephone Press, 2015

SARDENBERG, Cecilia, “Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista”, *Mora*, vol. 20, Buenos Aires, 2014, p. 137-166

SPIVAK, Gayatri, *Pode o subalterno falar?* (1988), Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010

STRATHERN, Marilyn, *The gender of the gift*, Los Angeles, University of California Press, 1988

MELO, Ana Clara Klink de. 2022. "Women writing culture". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/women-writing-culture>. ISSN: 2676-038X.

STRATHERN, Marilyn, "Feminist critique" (1991) In: STRATHERN, Marilyn, *Partial Connections*, Walnut Creek, Altamira Press, 2004

STRATHERN, Marilyn, "Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia" (1987), *Mediações*, v. 14, n. 2, Londrina, 2009, p. 83-104

TAMBASCIA, Christiano & ROSSI, Gustavo, "Sidetracks: Mariza Corrêa e a história da antropologia no Brasil", Dossiê Mariza Corrêa: laços, memória e escritos, *Cadernos Pagu*, vol. 54, Campinas, 2018

MELO, Ana Clara Klink de. 2022. "Women writing culture". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/women-writing-culture>. ISSN: 2676-038X.